

ENTRE CAOS E CRONOS: SOMOS MODERNOS OU PÓS- MODERNOS?

Patricia Fabiola Scandolara

Mestranda da Universidade do Estado de Santa Catarina /UDESC

Bolsista Capes/CNPq.

Patymorales2005@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo tem a pretensão de analisar o tempo vivido, partindo de uma indagação inicial, Somos Modernos ou Pós-Modernos? Vista como uma situação de crise apresentada pelos teóricos *Marshall Berman* em seu livro *O mal Estar na Pós-Modernidade* e o sociólogo *Zygmunt Bauman* com sua obra *Modernidade Líquida*. Este trabalho busca revisitar ou recriar o que se supõe ser a origem de tal crise social, partindo para uma aproximação dos novos fundamentos nos quais se acredita que a vida agora se diluí. Inicialmente apresenta-se uma genealogia das palavras, *moderno* e *crise*. Seguida de uma análise do tempo, através dos teóricos como *Sigmund Freud*, com sua obra *O Mal Estar da Civilização*, priorizando aspectos sobre a sexualidade humana, contrapondo com o conceito *scientia sexualis* de *Michel Foucault*, presente em seu livro *História da Sexualidade*. Trazendo para discussões temporais o sociólogo *Michel Maffesoli*, *A Dialética do Esclarecimento de Adorno e Horkheimer*, o conceito de *niilismo* de *Nietzsche* e de *liberdade* de *Sartre*.

Palavras Chave: Modernidade Pós-Modernidade Contemporâneo

Abstract:

This article purports to analyze the time spent, leaving an initial inquiry, we are Modern or Postmodern? Seen as a crisis situation presented by theorists Marshall Berman in his book *Evil Being in Post-Modernity* and the sociologist Zygmunt Bauman in his book *Liquid Modernity*. This paper seeks to revisit or re-create what is supposed to be the origin of this social crisis, leaving for a new approach of the grounds on which it is believed that life is now diluted. Initially we present a genealogy of words, and modern crisis. Followed by an analysis of the time, through theorists such as Sigmund Freud, his work with *The Evil Being of Civilization*, prioritizing aspects of human sexuality, in contrast with the concept of *scientia sexualis* Michel Foucault, this in his book *History of Sexuality*. Bringing discussions temporal sociologist Michel Maffesoli, *The Dialectic of Enlightenment Adorno and Horkheimer*, the concept of nihilism of Nietzsche and Sartre's freedom.

Keywords: Modernity Post modernity Contemporary



1

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.²

A indagação inicial deste artigo reflete uma perplexidade diante da confiança e do orgulho implícitos na idéia de sermos contemporâneos ao próprio tempo, de onde é possível constatar uma falência dos caminhos do mundo. Uma situação de crise, que propõe que se busque saídas e soluções. Para Bauman, “É inteiramente diferente viver com a consciência pós-moderna de que não há nenhuma saída certa para a incerteza; de que a fuga à contingência é tão contingente quanto à condição da qual se busca fugir”. O homem ao qual se refere Baumann vive na incerteza. A velocidade e a fragmentação

¹ Instalação de Tim Kent, releitura da obra de Paul Klee “Angelus Novus.”

²Walter Benjamin, O Conceito de história (1940). *Obras Escolhidas magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994:28.

do tempo, as variações nas formas de produção e de consumo e os alarmes acerca da deterioração do meio ambiente, justificam a ele suas instáveis relações com o tempo vivido, e o leva a detectar uma familiar sensação de incompletude. Nesse sentido a falta produz um sentimento de não pertencimento, gerando a necessidade de afirmarmos para nós mesmos que somos contemporâneos de um tempo estático, que perceptivelmente nos escapa, mas que desejamos que não nos escape mais. Como na saudação do anjo de Gerhard Scholem: “Minhas asas estão prontas para o vôo, se pudesse eu retrocederia, pois eu seria menos feliz se permanecesse imerso no tempo vivo” (SCHOLEM, 2006:43).

Partindo do pressuposto de que o mundo atravessa uma crise, parece-me inevitável tratar da crise antes de buscarmos sua superação, visitar ou recriar o que supomos ser a sua origem, para que assim possamos nos aproximar dos novos fundamentos nos quais a vida agora se diluí.

A palavra crise tem suas raízes no latim “crisis” e no grego “krisis”, entendidas como julgamento, seleção, resultado de uma avaliação. Alguns teóricos acreditam que vivemos hoje uma crise que conceituam como “pós-modernidade”. Seu início se dá com o saturamento ou esgotamento das características de um tempo que classificam como “moderno”.

Moderno, do latim “modernu”, significa algo que é recente, novo ou do tempo presente. Neste sentido ser moderno é também ser contemporâneo. Mas, sabendo da resignificação temporal que atingem as palavras, pois se, os indivíduos que delas se utilizam para comunicar-se, explicar-se, ou numa idéia mais extrema, (mas nem por isso menos válida), aqueles que delas se utilizam para “existirem” mudam constantemente, os significados de seus símbolos comunicacionais acompanham, logicamente, tais transformações.

Sendo assim, na contemporaneidade³o sentido da palavra moderno ou modernidade é constantemente compreendido como um período histórico que se faz existir através de um conjunto de características percebidas e divulgadas pelos pensadores de um tempo linear.

Para o pensador moderno Sigmund Freud, a sexualidade é o ponto chave dos processos civilizatórios, a principal geradora dos conflitos entre as pulsões internas e individuais e os limites civilizatórios. No contexto de Freud, os tabus e repressões sexuais reverberavam em sentimentos que ele classifica como mal-estar da civilização.

³ Contemporaneidade no sentido de “algo que esta com o tempo, sendo acessado por indivíduos neste tempo”.

“A civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade de energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade.” (FREUD, 1998:56). Se em tal contexto Freud percebe valores estabelecidos, hoje se tem dificuldade em percebê-los.

Foucault (1993), em seu livro *História da Sexualidade*, joga luz sobre várias possibilidades de perspectiva através de um conceito que chamou *scientia sexualis*. Tal conceito configurou-se no ocidente, tendo a confissão como centro da produção de saberes sobre sexo. Para Foucault os ocidentais se propõem a confessar e expor tudo sobre seus prazeres. A confissão estabelece uma relação de poder onde aquele que confessa se expõe, produzindo discursos sobre si, enquanto aquele que ouve interpreta o discurso, redime, condena, domina. Sendo de maneira transposta para o campo do normal e patológico, onde os médicos, neste sentido, são por excelência os intérpretes da verdade sobre o sexo. “(...) nossa sociedade constituiu uma *scientia sexualis*. Mais precisamente, atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico.” (FOUCAULT, 1993:66).

O alerta do sociólogo francês Michel Maffesoli (2010) conhecido como responsável pela popularização do conceito de *tribo urbana*⁴, é, o sentido precisa ser “invaginado”. É preciso denunciar os conformismos do pensamento sociológico, das fórmulas politicamente corretas que repetem como papagaios opiniões velhas de 200 anos ou mais⁵, o pensamento sobre o social e o cultural está saturado, até mesmo no sentido vulgar da palavra, com velhas fórmulas e ideias pré-concebidas. Para ele é preciso levar a sério a “orgia”, não como um trivial excesso sexual, mas, como uma energia inegável que percorre o corpo social por redes subterrâneas. É essa vitalidade irreprimível que a elite burguesa se põe a negar; “O jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos sonhos como cimento coletivo. É isso a orgia dionisíaca. É melhor, em seu sentido pleno, acomodar-se ao que existe. (...) Ajustar-se ao espírito do tempo para fazer com que ele renda o máximo que puder”. (MAFFESOLI,2010:92).

O conceito de “família”, como mãe, pai e filhos, tão intrínseco na teoria freudiana e em vários aspectos relacionada às originais pulsões, nos parece hoje uma complexidade de combinações entre indivíduos que extrapolam os papéis de gênero e laços sanguíneos, já não tendo o papel central de formadora da subjetividade, outros espaços

⁴ Conceito presente no livro *Saturação* de Michel Maffesoli e que não será aprofundado neste artigo.

⁵ Observação do escritor Teixeira Coelho em texto de apresentação do livro *Saturação* de Michel Maffesoli.

dividem e fragmentam este papel. A escola, a televisão e a internet ensinam e propagam padrões de comportamentos variados.

“A expressão-chave que se declina a mais não poder é a de "vida comunitária". E é nisso que se vê que o medo do comunitarismo é bem o fantasma de outra época e está totalmente defasado em relação ao mundo real daqueles que formam a sociedade hoje.” (MAFFESOLI, 2020:58). De fato, graças à Internet, instala-se uma nova ordem de comunicação, que favorece os encontros, o fenômeno em que, em relação a coisas fúteis ou sérias, mobilizações formam-se e se desfazem no espaço urbano e virtual, permitindo que, nas grandes cidades contemporâneas, os indivíduos ao se conectarem através da Internet se encontrem, conheçam-se, possibilitando uma nova maneira de estar junto, a partir da experiência comum da criatividade, navegando para uma sociabilidade específica, onde o lúdico substitui a funcionalidade, o que Maffesoli descreve como uma nova perspectiva da sociedade moderna que está possibilitando às pessoas outro relacionamento com a vida e o mundo, considerada mais estimulante e mais propensa a fazer da existência uma obra de arte.

Marshall Berman (1986) se dedica a detectar elementos que ampliem o senso sobre o que é, ou que possa ser a modernidade. Para ele a modernidade foi capaz de desfazer o que até então era “eterno”, a partir de um cenário perigoso que une, mas paradoxalmente gera um estado de permanente desintegração.

No final do século XIX foi a vez de Nietzsche (2007) abordar os problemas da modernidade. Cercado pela euforia moderna de que a ciência resolveria os problemas e as dores do mundo, ele escreve:

Se a ciência produz cada vez menos alegrias em si mesma, gera cada vez mais alegria colocando sob suspeita os confortos da metafísica e da arte, então a maior fonte de prazer a qual a humanidade deve quase toda a sua qualidade humana fica empobrecida. Uma cultura elevada, portanto, deve dar ao homem um cérebro duplo, duas câmaras cerebrais, por assim dizer, uma para experimentar a ciência e outra para experimentar a não-ciência. (NIETZSCHE, 2007:97).

No turbilhão em que vive, Nietzsche empreende uma batalha para compreender com maior distanciamento e amplitude uma possível saída, encontra nos pensadores pré-socráticos um modelo de pensamento diferente do modelo instaurado por Platão (linear: começo, meio e fim), Platão considera que o tempo (*chrónos*) “é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número”. (PLATÃO, 2010:21) O pensamento pré-

socrático é baseado na idéia do “devir”, a vida como processo, num fluxo de transformação constante.

O encontro com o pensamento arcaico deu a Nietzsche uma visão crítica e bastante ácida do pensamento moderno vigente. Do choque entre os dois elementos, surge um pensamento afirmativo da vida, que se colocava, na visão do filósofo, como uma alternativa para as ilusões criadas pela ciência.

Berman considera perigoso desprezar teóricos como Nietzsche, Marx, Baudelaire e Dostoiévski que, segundo ele, vivenciaram uma eufórica e pesada modernidade, afirmando que olhar com atenção para esses pensadores pode ajudar na compreensão da modernidade hoje, ampliando as perspectivas de renovação e enfrentamento do que “esta por vir”.

Ao modo dos pintores renascentistas a ciência moderna usa seu conhecimento e sua imaginação para criar no plano a ilusão da realidade. Portanto, sua estratégia é a de um prestidigitador que tem a capacidade de nos iludir através de um domínio técnico que o capacita para criar a sensação da profundidade no plano, replicando a sensação que temos no mundo, que é tridimensional.

Ao desconstruir o esquema da representação do que seria a verdade da realidade que se apresenta, volta-se para uma experiência de um discurso que se dobra sobre si mesmo, o que Adorno e Horkheimer (1985) discutem em sua produção conjunta *Dialética do Esclarecimento*, entendido como um circular desdobramento de discursos, baseados em afirmações que geram negações e se estabelecem continuamente.

No “Conceito de Esclarecimento”, primeira parte da *Dialética*, já definem a crítica, pois para eles “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985:46).

Adorno e Horkheimer, assim como Nietzsche havia feito, voltam à Antiguidade clássica para encontrar as origens da “racionalização” do mundo, procurando deste modo um conceito muito mais amplo e profundo de esclarecimento, encontrando no processo de dominação da natureza das coisas, do objeto, em prol de uma libertação do sujeito, intrinsecamente, um processo de dominação do próprio sujeito.

O que talvez explique o ritmo vertiginoso do início do século XX, é a busca cada vez mais acentuada e frenética de algum ponto de irreduzibilidade nesta circularidade, que remetesse o processo cognitivo a uma nova linearidade. Tal busca se dá de maneira

tão alucinante que, o que se produz é um esgotamento, característica que para alguns seria um dos pontos-chaves para a conceitualização de um período que classificamos como pós-moderno. Gostaria de observar que os processos sociais e individuais, neles incluídos os processos artísticos de um modo geral, são movidos pelo paradoxo. O paradoxo é a chave de acesso que temos para entender o intrincado desenvolvimento dos processos sociais, que já há algum tempo se percebe não ser de forma linear, mas de maneira trançada, o que possibilita uma estrutura de múltiplos sentidos. Como as águas de um rio que alimentam outro rio, e assim sucessivamente. Tal analogia, Baumann (2001) classifica como “modernidade líquida”. Diante disso, pode-se concluir que os caminhos processuais da história retornam a si, percepção que Nietzsche ainda no séc. XIX nos apresenta com o *mito do eterno retorno* (NIETZSCHE, 2001:82), onde aponta questões que foram semeadas anteriormente e que podem ser paradoxais.

A morte do eterno transcendente implica que poderá acender-se no mundo do devir, na terra, a chama da eternidade. Para ele desvalorar o sagrado humano é devolver à terra todo o seu valor, um valor absoluto, eis a função desta inversão, a afirmação total da vida e do devir, o pensamento do eterno retorno é a forma de ultrapassar o niilismo, o desencanto perante a ausência de sentido a que a morte das verdades sagradas parecia condenar o homem.

Cito este esquema de pensamento porque me parece ser útil para entendermos a situação atual, da mesma forma que me refiro à arte renascentista como analogia aos ideais modernos, no sentido de estabelecer um campo crescentemente autônomo para o ser humano, mesmo que isto nos tenha levado à desconstrução da idéia de verdade e realidade única, por descortinar-lhe como apenas a ilusão de uma representação.

Arthur Danto (2009), não aborda essa questão da mesma maneira, mas faz uma análise que acrescenta para o entendimento do novo patamar no qual a vida e a ciência se encontram hoje.

Para mim, uma vez que a própria filosofia destacou a verdadeira forma da questão filosófica – isto é, a questão da diferença entre vida e pensamento, ou vida e conhecimento, a história chegou ao fim. O momento filosófico havia sido atingido. As questões podem ser exploradas pelos que nelas estão interessados, e pelos próprios filósofos, que agora podem começar a fazer a filosofia de um modo que produzirá respostas. Dizer que a história acabou é dizer que não há mais um limite da história além do qual se possa cair. Tudo é possível. Qualquer coisa pode vir a ser. E em razão da situação presente ser essencialmente desestruturada, a ela não se pode adequar mais uma narrativa mestra. Greenberg está certo: nada aconteceu durante 30 anos. Essa é talvez a coisa mais importante a ser dita sobre a ciência dos últimos 30 anos. Mas a situação está longe de ser desoladora, como implicava o grito “decadên-

cia!” de Greenberg. Em vez disso, ela inaugura a mais ampla era da liberdade que a história do conhecimento já conheceu. (DANTO, 2009:97)

Danto demonstra que a idéia de aproximar a história do pensamento com a vida, introduzida por Nietzsche e desenvolvida por filósofos conhecidos como pós-modernos, fez com que se atingisse o que ele chama de “momento filosófico”. Para ele o que importa é mais a capacidade de articulação de sentido e menos o que é possível fazer com o limite da matéria. É evidente que ainda há produção de sentido, mas a diferença é que o sentido é uma decorrência que sustenta a proposição de um momento e de outro, e não a sua razão de ser.

Ao contrário do que mais comumente é aceito hoje, o rompimento do limite entre ciência e vida não foi um caminho de mão única, a internet e as realidades virtuais impregnaram o real concreto com uma dimensão ficcional, neste sentido a 4ª dimensão, o ciberespaço ou o não-lugar⁶, passam a fazer parte do cotidiano material. Para fechar esse raciocínio, gostaria de destacar que na visão do paradoxo como a estrutura insidiosa do movimento social, cultural e individual, estamos vivendo a consumação dos avanços científicos, principalmente através das tecnologias computacionais, mas ao mesmo tempo, estamos descobrindo um sentido radical de liberdade nunca antes imaginado ou vivenciado, cuja consumação se deu no momento em que a ciência rompeu com os limites entre pensamento/idéia/conhecimento e vida.

O nosso drama não é escolher, mas nos defrontar com um mundo que trouxe para a superfície do real a liberdade e a indeterminação que o funda. E isso se tornou possível porque a virtualidade deixou de ser um espectro, para ser parte da nossa realidade.

Acredito que o pensamento moderno na sua essência tenha se esgotado, mas não acredito que o que estamos vivendo seja necessariamente um esvaziamento. A vida nunca para. Vislumbro uma possibilidade platônica de ver nascer do fundo do abismo as mais velhas e altas montanhas, com o cuidado de não abordar essa ideia de maneira isoladamente romântica, mas mantendo no horizonte a lembrança de que o ideal romântico e o ideal realista andam lado a lado.

De outra perspectiva, pode-se acreditar que não estejamos atravessando uma crise, mas sim que a existência humana se dá através de uma crise contínua, e o que percebemos hoje como “crise” é antes de tudo, a sua inseparável companhia, a “resistência” humana á percepção de que a vida é inconstante e mutável, e o que motiva

⁶ Conceitos que pela profundidade que apresentam não serão desenvolvidos neste artigo.

tal insatisfação humana é uma força que se pode entender como “vontade de permanência”, resultante da dificuldade em se relacionar com a vida e o mundo como ele se apresenta. Através de Zaratustra, Nietzsche (2001) nos ensina que a dor e o sofrimento são parte integral da vida e que viver é um processo contínuo de libertação.

Na Grécia arcaica os filósofos buscavam olhar para o mundo, e tirar desta relação imediata alguma interpretação, encontrar uma síntese do seria o mundo e a vida. Os filósofos pré-socráticos chegam ao consenso de que a síntese do mundo é o “dever”, o “tempo”. A vida é um “vir a ser” constante, um processo de transformação contínuo, no qual estamos inseridos e que desconhecemos, porque ele não tem princípio, nem fim. O tempo nunca começou e nunca vai acabar, ele é um fluxo que se retroalimenta. Os seres nascem, se transformam e morrem, mas o tempo não tem começo, nem fim. Ninguém criou o mundo no pensamento grego arcaico, não tem a figura de um criador. Como não existe um princípio originário para o mundo, também não existe “verdade”. A verdade para Nietzsche não é produto da curiosidade humana em descobrir o que as coisas são. A verdade é produto do nosso medo da morte, é a necessidade psicológica de estabelecer no mundo a duração, e nasce da incapacidade de lidar com a vida como ela é, por não sermos fortes o suficiente para afirmar a vida como processo de nascimento, transformação e morte, construímos então a verdade. A história do conhecimento humano é a história da criação e cristalização da idéia de verdade. Sendo assim, o mal-estar e a crise na civilização talvez sejam a condição existencial do homem, é o destino a que todos temos de compartilhar.

Talvez seja interessante não descartarmos esta idéia e sim usá-la a favor de nosso pensamento no sentido de que a radicalidade de real, que o moderno desejava conquistar, só foi possível graças ao ideal romântico de se atingir um mundo mais sublime. Foi essa pulsão que moveu os pensadores modernos, na tentativa de potencializar suas idéias a ponto de transformar as relações da própria vida, exercitando assim o ideal romântico. Como pensa o personagem poeta do filme *O Ponto de Mutação*⁷, “por trás de todo político há um inocente”.

Minha reflexão me encaminha a acreditar que toda ditadura se caracteriza e se iguala na incompreensão da diferença, da mesma forma que o consumo e a economia estabelecida, hoje, buscam a identidade do que não se difere, na produção da repetição do mesmo, para tornar-se mais eficiente e lucrativo. Mas isso também já está sendo posto

⁷ Filme baseado no livro de Fritjoj Kapra, *O Ponto de Mutação*. http://youtu.be/USOeu0_q4J8. Acesso: 25/05/2012

em questão pela insatisfação que o modelo atual está impondo às pessoas na ordem do tempo e do trabalho.

Somos contemporâneos de nós mesmos, ou somos mentes muito sagazes, que acreditam terem criado uma estrutura técnico-científica muito sólida que nos protege de nós mesmos e dos outros, mas que nos torna indefesos diante da imensidão da planície desértica em que ela nos remete, sem limites ou fronteiras. Tanto o abismo quanto o deserto nos põem frente a frente com a nossa condição atual: a precipitação do desconhecido e do que escapa ao nosso controle. “Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser.” (FOUCAULT, 1995:62).

Acredito ser importante neste momento perceber que, de fato tudo é possível. Entretanto, essa possibilidade de possíveis não é descolada da realidade, no sentido de que haja um diletantismo que experimenta por experimentar. Essa é uma maneira de lidar com a realidade que ainda não conseguimos absorver tranquilamente porque não estamos habituados a conviver com a consciência radical da existência caótica da diferença, apesar de ter sido sempre assim. A diferença é que estamos vivendo a consciência dessa experiência.

O erro das doutrinas – bem raras na história da filosofia – que souberam abrir espaço para a indeterminação e para a liberdade no mundo foi o de não terem visto aquilo que sua afirmação implicava. Quando falavam de indeterminação e liberdade, entendiam por indeterminação uma competição entre possíveis, liberdade como uma escolha entre possíveis – como se a possibilidade não fosse criada pela própria liberdade. Como se toda outra hipótese, pondo uma ideal preexistência do possível ao real, não reduzisse o novo a ser apenas um rearranjo de elementos antigos. Como se não devesse ser levada assim, cedo ou tarde, a tomá-lo por calculável e previsível. Aceitando o postulado da teoria adversa, introduzia o inimigo no reduto. É preciso aceitá-lo: é o real que se faz possível e não o possível que se torna real. (BERGSON, 2006:17).

A inversão proposta por Bergson (2006), que determina a causa pelo efeito, é uma revolução libertadora no sentido mais promissor da palavra, criando uma realidade possível, que lida com a liberdade do indeterminado como fundamento do real, como uma proposição de exercício de liberdade. Por isso vê a crise na estrutura de nossa sociedade, na política e na economia pautada pelas incapacidades de lidar com o indeterminado. A importância desta idéia não é o fato de ser pós-histórica ou que se pretenda realizar de novo tudo que já foi realizado, o importante é que ela se propõe a

entender os mecanismos da realidade a partir de uma experiência radical de liberdade, como fundamento e não como escolha.

Se entendermos “contemporâneo” como uma questão temporal não perceberemos que o fulcro da questão, é que, o que se vive hoje inverte os termos tradicionais de que, só se transforma em ato aquilo que já é em potência, evidenciando que não há uma condição de pré-existência para o “vir a ser”, que ser (se tornar presente) é tão radical que determina a sua atualidade dispensando sua genealogia passada ou sua projeção futura, fulgurando na sua contemporaneidade. Neste sentido, é mais válido decodificar a questão. Como define poeticamente Agamben:

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo (...) significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar. (AGAMBEN, 2009:25).

Viver na pura atualidade, na explosão do momento, é se permitir a experiência radical da liberdade, que se faz exercitando a experiência da liberdade. Dessa forma, deixa de ser um livre arbítrio e passa a ser condição de existência. Viver a experiência radical da liberdade é ameaçador porque é lidar com a imprevisibilidade como condição do real. Nunca sabemos, de fato, o que nos espera, só depois de termos vivido é que sabemos o que nos esperava. Jamais saberemos como teria sido o que não foi. Portanto, colocar-se na posição radical do momento que nos é contemporâneo é colocar-se na posição do exercício experimental da liberdade.

Difícil seria para mim, falar da liberdade sem falar do existencialismo de Sartre. Para ele antes de tudo o homem é livre, e não há nada além de otimismo nesta afirmação, para ele a existência vem antes da essência, portanto não há planos divinos ou leis morais, que não foram constituídos a partir da existência, ou seja, não foram projetados e elaborados pelo próprio homem. “(...) não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (...) se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, o reino luminoso dos valores pré-concebidos.” (SARTRE, 1970:4).

Afirmar que o homem é livre, não é pessimismo, nem sugere um imobilismo contemplativo. Afirmar que o homem não é capaz de ser *ético*⁸ por sua escolha e decisão, isto é pessimismo. Não há permissividade porque se aceita a liberdade como fundamento do que existe. A importância dessa inversão de termos faz com que a liberdade deixe de ser um valor abstrato e transcendente para experimentá-la como valor real e imanente. Não concordo que estejamos depois do fim da história, como quer a pós-modernidade. Não se trata de atingir um estado posterior, mas de perceber um mecanismo que sempre esteve presente e que nossa inteligência acobertava pela necessidade de extrair um sentido de constância e estabilidade para uma realidade da natureza que se apresenta inconstante e instável. O momento atual faz emergir a possibilidade da multiplicidade não porque tudo já foi realizado, ao contrário, essa possibilidade existe porque estamos experimentando a consciência e não a inteligência de que a liberdade e a indeterminação são elementos constitutivos do real e não uma opção entre possibilidades.

O Tempo

*Quem tem olhos para ver o tempo soprando sulcos na pele?
Sulcos na pele, sulcos...
Quem tem olhos para ver o tempo soprando sulcos na pele?*

*O tempo andou riscando meu rosto com uma navalha fina,
sem raiva, nem rancor
O tempo riscou meu rosto com calma*

*Eu parei de lutar contra o tempo, ando exercendo “instante”
Eu acho que ganhei presença
Eu acho que a vida anda passando a mão em mim
Eu acho que a vida anda passando
Eu acho que a vida anda
Em mim a vida anda
Eu acho que há vida em mim
Eu acho que a vida anda passando a mão em mim*

*E por falar em sexo...
Eu acho que quem anda me comendo é o tempo
Se bem que faz tempo...
Mas eu escondia, porque ele me pegava a força
E por trás*

⁸ *Ético* neste ensaio, entendido como a capacidade de refletir sobre a valoração das ações sociais, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo.

*Um dia resolvi encará-lo de frente
E disse:
Tempo, se você tem que me comer
Que seja com o meu consentimento
E me olhando nos olhos*

*Eu acho que ganhei o tempo
De lá pra cá, ele tem sido bom comigo
Dizem que ando até remoçando...*

Viviane Mosé

Referências Bibliográficas:

ADORNO, T. HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: 1985.

AGAMBEN, G. *O que é o Contemporâneo? E Outros Ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Z. *O Mal Estar na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. *O Conceito de História (1940)*. *Obras Escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BERGSON, H. *O Possível e o Real*. O Pensamento e o Movente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERMAN, M. *Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DANTO, A.C. *Após o Fim da Arte – A arte contemporânea e os Limites da História*. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Ed. Edusp, 2005.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____ *O Sujeito e o Poder*. H. Dreyfuss & P. Rabinow (Orgs.), 1995.

FREUD, S. *O Mal Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MAFFESOLI, M. *Saturação*. São Paulo, 2010

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Cia da Letras, 2007.

_____ *Assim falou Zaratustra*. Tradução Pietro Nassetti. Ed. Martin Claret. São Paulo, 2001.

_____ *A Gaia Ciência*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2001.

PLATÃO. *Timeu-Crítias Tradução Rodolfo Lopes*. Edt. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Universidade de Coimbra, 2011.

SARTRE, J.P. *L'Existentialisme est un Humanisme*. Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SCHOLEM, G. *Correspondência*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.